

# Etnobotânica nas religiões de matriz africana: uma revisão sistemática

Bianca Cristina de Lima Conceição Purcino<sup>1,\*</sup>, Reinaldo Farias Paiva de Lucena<sup>2</sup> e Jomar Gomes Jardim<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Sul da Bahia. Centro de Formação em Ciências Agroflorestais. Programa de Pós-Graduação em Biosistemas. *Campus* Jorge Amado. Praça José Bastos, S/Nº. Centro. Itabuna-BA, Brasil (CEP 45600-923).

\*E-mail: bianca.cristina.13@hotmail.com.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Instituto de Biociências. Grupo de Pesquisa em Estudos Multidisciplinares: Aspectos Ambientais, Culturais e Socioeconômicos. Campo Grande-MS, Brasil (CEP 79070-900).

**Resumo.** Este trabalho objetivou analisar as produções científicas relacionadas à Etnobotânica focando as comunidades praticantes de religiões de matriz africana no Brasil. Foram consultados artigos científicos publicados no período de 2010 e 2021 nas bases de dados Google Acadêmico, *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*. Para as buscas, foram utilizadas as seguintes combinações de palavras-chave: plantas medicinais, Candomblé, Umbanda, ervas sagradas, Etnobotânica e religião afro-brasileira. Foram encontrados 24 artigos científicos. Grande parte desses textos (56%) era de listagens de plantas utilizadas, estando estas plantas distribuídas em três categorias sendo elas: medicinal, mágico-religiosa e alimentação. Foram citadas 466 espécies etnobotânicas, sendo identificadas 353 espécies distribuídas em 65 famílias. As três famílias com maior representatividade em número de espécies foram Fabaceae (29 spp.), Lamiaceae (21 spp.) e Asteraceae (14 spp.). Tendo noção do elevado número de trabalhos de cunho etnobotânico publicados no Brasil, notou-se com esta revisão uma escassez de publicações no âmbito das religiões afro-brasileiras, necessitando assim de mais pesquisas neste sentido.

**Palavras-chave:** Candomblé; Cultura afro-brasileira; Ervas sagradas; Plantas medicinais; Umbanda.

**Abstract. *Ethnobotany in African matrix religions: A systematic review.*** This work aimed to analyze the scientific productions related to Ethnobotany focusing on communities practicing religions of African matrix in Brazil. Scientific articles published between 2010 and 2021 in the Google Scholar, Scielo, Scopus and Web of Science databases were searched. For the searches, the following combinations of keywords were used: medicinal plants, Candomblé, Umbanda, sacred herbs,

Recebido  
19/09/2022

Aceito  
26/12/2022

Publicado  
31/12/2022



Acesso aberto



ORCID

0000-0003-3690-2877  
Bianca Cristina de  
Lima Conceição  
Purcino

0000-0002-1195-4315  
Reinaldo Farias Paiva  
de Lucena

0000-0002-5094-0514  
Jomar Gomes Jardim

ethnobotany and Afro-Brazilian religion. 24 scientific articles were found. Most of these texts (56%) were listings of plants used, distributed in three categories: medicinal, magical-religious and food. A total of 466 ethnobotanical species were mentioned, and of these, 353 species were identified, distributed in 65 families. The three families with the highest number of species were Fabaceae (29 spp.), Lamiaceae (21 spp.) and Asteraceae (14 spp.). Having a notion of the high number of ethnobotanical studies published in Brazil, this review showed a scarcity of publications in the field of Afro-Brazilian religions, thus requiring more research in this direction.

**Keywords:** Candomblé; Sacred herbs; Afro-Brazilian culture; Medicinal plants; Umbanda.

## Introdução

O tráfico de africanos em consequência da escravatura representou não só o traslado de pessoas, mas também a difusão de saberes entre culturas distintas, possibilitando, assim, diversas trocas de conhecimentos, em especial com relação ao cultivo e uso das plantas (Almeida, 1995, 2011; Carney, 2004; Meira e Oliveira, 2013; Silva et al., 2016). As plantas exercem um papel de importância no contexto das religiões afro-brasileiras e, em especial, se tratando da cura para os males do corpo e do espírito (Bastide, 1978; Camargo, 1998; Paz et al., 2015; Arruda et al., 2019).

Em virtude da influência da cultura africana herdada, parte da população brasileira é adepta das religiões de matriz africana (Souza e Guasti, 2018), como o Candomblé, com seus vários segmentos e a Umbanda. O Candomblé é denominado como a religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas (Prandi, 2004), e ainda, a continuação de uma religião iniciada na África, que foi reformulada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa, filosófica e ecológica (Kileuy e Oxaguiã, 2009). Tem como característica marcante o uso das plantas, as quais estão presentes na maioria dos rituais e práticas como os banhos de purificação, bebidas, comidas, cremações em incensórios, remédios, charutos, cachimbos e cigarros (Alves et al., 2019; Arruda et al., 2019).

Com origem no século XX a Umbanda, também chamada “a religião brasileira por excelência” (Prandi, 2004), foi constituída a partir da associação do antigo Candomblé, do espiritismo kardecista e do catolicismo, contendo ainda algumas referências indígenas (Negrao, 1996; Prandi, 2004).

Estudos com potencial para abordar diferentes contextos, os quais vão desde o uso de plantas para fins medicinais, até o seu uso em rituais religiosos, são previstos pela etnobotânica, que é uma ciência que compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes e sua estreita relação com as plantas e, por conseguinte, o modo como são tradicionalmente utilizadas (Amorozo, 1996). Além disso, aspectos sociais, culturais, ecológicos, linguísticos, econômicos, políticos e religiosos podem ser amplamente abordados dentro desta área, tendo em vista principalmente, seu caráter interdisciplinar (Fonseca-Kruel et al., 2005).

A Etnobotânica é um campo promissor no que se refere ao estudo da biodiversidade brasileira e principalmente em relação ao potencial do uso de plantas na medicina tradicional (i.e.: Amorozo, 1996; Brandão et al., 2006; Fenner et al., 2006; Sousa et al., 2008; Franco et al., 2011; Ribeiro et al., 2014; Souza et al., 2016). Entretanto, quando se trata das plantas sagradas que são utilizadas em rituais nas religiões de matriz africana, o número de publicações ainda é relativamente baixo. Nesse sentido, o presente estudo

teve como objetivo analisar as produções científicas sobre o uso de plantas nas religiões de matriz africana no Brasil.

## Material e métodos

A revisão bibliográfica incluiu apenas artigos científicos publicados nos últimos 11 anos (2010 e 2021) sobre plantas utilizadas por praticantes de religiões de matriz africana, tais como Candomblé, Umbanda e Ritual de Almas e Angola no Brasil. O recorte temporal proposto neste artigo teve como propósito trazer um panorama recente no cenário das publicações.

As buscas pelos artigos foram realizadas em diversas bases de dados (e.g.: Google Acadêmico, *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*), utilizando palavras-chave relevantes ao tema, tais como plantas medicinais, Candomblé, Umbanda, ervas sagradas, Etnobotânica e religião afro-brasileira, em português e inglês, combinadas entre si ou não.

Os critérios de inclusão foram artigos científicos completos e de revisões publicados no Brasil em português, espanhol e inglês, entre 2010 e 2021, focando as religiões de matriz africana, excluindo-se livros, textos com duplicidade, dissertações, teses e trabalhos de conclusão de curso. Após a busca foi realizada uma leitura prévia (título e resumo) dos textos, selecionando-se somente aqueles que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão. Após a leitura dos textos na íntegra, as informações contidas nos artigos foram organizadas em planilhas com o auxílio do programa *Excel*.

Os nomes científicos das plantas listadas nos artigos foram atualizados quando necessário para os nomes atualmente aceitos, e também foram corrigidos os nomes dos autores conforme o IPNI (2022). Os nomes das espécies não identificadas foram atribuídos a partir da referência dos nomes populares citados, utilizando o conhecimento do especialista seguido de consulta aos nomes constantes em Silva et al. (2008) e na Flora e Funga do Brasil (2022).

## Resultados e discussão

Um total de 24 manuscritos foram selecionados e destes 12 encontram-se disponíveis no *Google Scholar* (Google Acadêmico), oito no *Scielo*, dois no *Web of Science* e dois no *Scopus* (Tabela 1).

**Tabela 1.** Artigos científicos selecionados para compor a revisão sobre o uso de plantas nas religiões de matriz africana no Brasil.

Título	Autoria	Ano	Base de dados	Local
Conhecimento e uso de plantas medicinais da cultura afro-brasileira pelos moradores da comunidade da Fazenda Velha no Município de Jequié-BA	Almeida et al.	2012	Google Acadêmico	Bahia
Uso de plantas medicinais na Umbanda e Candomblé em associação cultural no Município de Puxinanã, Paraíba	Arruda et al.	2019	Google Acadêmico	Paraíba
"Sem as plantas a religião não existiria": simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (Santarém, PA)	Barboza et al.	2021	Google Acadêmico	Pará

Tabela 1. Continuação.

Título	Autoria	Ano	Base de dados	Local
As plantas medicinais e o sagrado, considerando seu papel na eficácia das terapias mágico-religiosas	Camargo	2014	Google Acadêmico	-
Jovens de terreiros e os saberes da mata nas rodas de conversas: os sentidos que as jovens atribuem às ervas	Castro e Cavalcante	2016	Google Acadêmico	-
Plantas medicinais utilizadas em rituais de Umbanda: estudo de caso no sul do Brasil	Ferreira et al.	2021	Google Acadêmico	Santa Catarina
Defumadores com possível efeito ansiolítico utilizados no Centro de Umbanda Caboclo Ubirajara e exu Ventania, Diadema, SP, Brasil: um estudo etnofarmacológico	Garcia et al.	2016	Google Acadêmico	São Paulo
Etnobotânica das religiões afro-brasileiras: elaboração de uma proposta didática para o ensino de Botânica	Goulart et al.	2021	Google Acadêmico	-
Plantas sagradas nas religiões afro-brasileiras: um estudo de caso nos espaços religiosos da Umbanda de Poções-BA	Meira e Oliveira	2013	Google Acadêmico	Bahia
As ervas medicinais na Umbanda nos cultos de Preto Velho	Purificação et al.	2019	Google Acadêmico	Goiás
Uso místico, mágico e medicinal de plantas nos rituais religiosos de Candomblé no Agreste Alagoano	Sátiro et al.	2019	Google Acadêmico	Alagoas
Um bosque de folhas sagradas: o Santuário Nacional da Umbanda e o Culto da Natureza	Colli-Silva e Silva	2018	Google Acadêmico	São Paulo
<i>Petiveria alliacea</i> , a plant used in Afro-Brazilian smoke rituals, triggers pulmonary inflammation in rats	Alves et al.	2019	SciELO	-
Ewé awo: o segredo das folhas no Candomblé da Bahia	Botelho	2011	SciELO	Bahia
Dimensão e fluxo material das plantas em um terreiro de Umbanda	Carlessi	2015	SciELO	São Paulo
Jeitos, sujeitos e afetos: participação das plantas na composição de médiuns umbandistas	Carlessi	2017	SciELO	São Paulo
Caracterização dos erveiros(as) e das plantas sagradas vendidas nas feiras livres de Salvador	Oliveira et al.	2014	SciELO	Bahia
Plantas medicinais no Candomblé como elemento de resistência cultural e cuidado à saúde	Paz et al.	2015	SciELO	Ceará
Orixá, natureza e homem: um só ecossistema: usos de plantas nos terreiros de Candomblé e Umbanda no sertão do Brasil	Santos e Santos	2021	SciELO	Bahia e Pernambuco
Relação de espécies botânicas empregadas nos templos de Umbanda Nagô	Torres	2018	SciELO	Rio Grande do Sul

Tabela 1. Continuação.

Título	Autoria	Ano	Base de dados	Local
Perception of Candomble practitioners about herbal medicine and health promotion in Ceará, Brazil	Braga et al.	2018	Web of science	Ceará
"The plants have axé": Investigating the use of plants in Afro-Brazilian religions of Santa Catarina Island	Pagnocca et al.	2020	Web of Science	Santa Catarina
How to carry out a democratic ethnobotanical study	Carlessi	2019	Scopus	-
Um pouco da África no Brasil: experiências da Etnobiologia no campo das religiões afro-brasileiras	Albuquerque	2014	Scopus	Pernambuco

No total, foram citadas 466 plantas, sendo identificadas 353 espécies distribuídas em 65 famílias. Nas espécies identificadas foram atualizados 51 nomes. Das 113 espécies sem identificação, foi possível inferir nomes a 78 (66,34%), restando ainda, 35 espécies indeterminadas. Estes resultados revelaram um número considerável de plantas não identificadas, ou ainda, sem a devida identificação, podendo sugerir descuido em relação aos métodos de determinação botânica.

As três famílias com maior representatividade em número de espécies foram Fabaceae (29 spp.), Lamiaceae (21 spp.) e Asteraceae (14 spp.) cada. O estudo etnobotânico realizado por Martins et al. (2013), corrobora os resultados observados nesta revisão, pois mostram que as famílias Fabaceae, Lamiaceae e Asteraceae possuem espécies de ampla ocorrência no Brasil.

As espécies mais citadas foram *Ruta graveolens* L. (7 citações), *Petiveria alliaceae* L. (6 citações), *Zea mays* L. (5 citações), *Rosmarinus officinalis* L. (4 citações), *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. (4 citações), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (4 citações), *Mangifera indica* L. (4 citações), *Cocos nucifera* L. (3 citações), *Jatropha gossypifolia* L. (3 citações), *Eugenia uniflora* L. (3 citações), *Capsicum frutescens* L. (3 citações), *Ocimum basilicum* L. (3 citações) e *Lavandula dentata* L. (3 citações) cada.

Em relação ao número de trabalhos levantados, o Estado da Bahia destacou-se com cinco manuscritos. Esta predominância deve-se possivelmente ao enraizamento da cultura africana em função do grande mercantilismo escravagista ocorrido no estado durante o período colonial, oportunizando a consolidação das religiões afro-brasileiras, e principalmente o Candomblé (Bastide, 1961; Verger, 1976).

A literatura consultada e avaliada demonstra que os pesquisadores que investigam o uso de plantas pelos praticantes de religiões de matriz africana, ressaltam que tais estudos devem ser realizados com pesquisas de campo, com presença do pesquisador nos centros e locais de cerimônia dessas religiões. Um exemplo desse contexto pode-se encontrar em Albuquerque (2014), que apresentou em seu trabalho um relato de sua primeira experiência etnobotânica sob a ótica das religiões afro-brasileiras. Apesar da não obrigatoriedade em realizar uma ida a campo, o autor menciona que decidiu se aventurar no universo da "magia africana" e para isso buscou utilizar abordagens metodológicas quali-quantitativas como a observação participante em rituais e entrevista semiestruturada.

A participação dos pesquisadores em rituais com intuito de investigar o uso das plantas ficou registrada em diversos outros trabalhos aqui analisados (e.g., Botelho, 2011; Carlessi, 2015; Garcia et al., 2016; Braga et al., 2017; Pagnocca et al., 2017; Colli-Silva e

Silva, 2018; Torres, 2018). Para Camargo (1998) esta observação dos rituais necessita seguir dois passos principais: (1) ter um caráter investigativo em relação ao valor simbólico das plantas; e (2) promover uma investigação farmacobotânica das mesmas.

Além desses dois passos indicados por Camargo (1998), pode-se acrescentar que, igualmente importante, outras observações como o respeito pelo diferente, pela cultura e religião dos agentes sociais participantes da pesquisa, especialmente as religiões com ascendência e descendência africana, as quais passam e continuam passando por preconceitos no Brasil. Nesse contexto, pesquisadores que tem formação na etnobiologia podem ter um papel crucial para minimizar ou reverter essa situação valorizando a cultura afro-brasileira.

Quanto às categorias de uso das plantas, foram registradas três categorias principais a medicinal, mágico-religiosa e alimentação. Sátiro et al. (2019) consideraram somente as categorias mágico-religiosa e medicinal. Na categoria mágico-religiosa o autor considera as plantas destinadas aos orixás como veículos energéticos, para rituais de renovação e purificação, e na categoria medicinal as plantas utilizadas para cura, prevenção e tratamento de doenças. Já Colli-Silva e Silva (2018) consideraram como uso ritual ou simpático as plantas para atrair alguma necessidade ou desejo e como uso na alimentação as plantas utilizadas nas oferendas e como uso medicinal as plantas para cura ou revitalização.

As categorias encontradas nos artigos compreendem diversas formas de usos como benzeduras, oferendas, defumações, garrafadas, macerações, rezas e, especialmente em Sátiro et al. (2019) com destaque para os banhos e chás. Resultados semelhantes foram obtidos por Araújo (2014), que encontrou que a utilização de chás foi majoritária, seguida de banhos.

Dos textos encontrados, muitos destacam o uso medicinal das plantas (e.g., Almeida et al., 2012; Camargo, 2014; Paz et al., 2015; Garcia et al., 2016; Braga et al., 2017; Alves et al., 2019; Arruda et al., 2019; Purificação et al., 2019; Sátiro et al., 2019; Ferreira et al., 2021). Em sua revisão de literatura, Oliveira et al. (2009) sugerem que a preferência de estudos etnobotânicos a esta categoria deve-se ao grande número de pesquisadores atuando nesta área no Brasil e também à constante busca por dados inéditos e que possivelmente contribuam para a identificação de novos produtos úteis a partir destes insumos vegetais.

O perfil dos informantes, em todas as referências analisadas, foi composto por frequentadores dos terreiros e, em sua maioria, dos principais líderes religiosos (sacerdotes), que são denominados *babalorixá*, para homens, e *yalorixá*, para mulheres, ou ainda pais e mães de santo. Segundo Santos Filho (2020), os pais e mães de santo são pessoas escolhidas pelas entidades para lhes representar e passar seus ensinamentos aos seus seguidores. Para Pires et al. (2009), o conhecimento da medicina tradicional nos terreiros é intrínseco aos pais e mães de santo. Nesse sentido, essas personalidades são importantes para um melhor entendimento da relação das pessoas adeptas dos rituais afro-brasileiros com as plantas, que nesse caso rompe as barreiras do uso religioso, adentrando no uso medicinal.

Em relação ao sexo, foi observado que todos os textos analisados possuem um número maior de informantes mulheres em relação aos homens, exceto nos resultados de Meira e Oliveira (2014). Porém, os autores ponderam que este dado não reflete a realidade, pois, segundo seus informantes, o número de mulheres erveiras é maior em relação aos homens. Ao se tratar do Candomblé, Verger (1987) afirma, em seu estudo, que o Candomblé é uma religião inicialmente matriarcal, que possui uma predominância de lideranças femininas (*yalorixás*), corroborando assim com os resultados encontrados nos demais estudos analisados.

A faixa etária dos participantes das pesquisas variou entre 20 e 89 anos. Em geral, a literatura tem registrado a participação de pessoas com idades superiores a 60 anos

(Prandi, 2001; Moreira et al., 2011; Sátiro et al., 2019). Por outro lado, também se pode encontrar estudos que apontam a importância de jovens e adultos nesse contexto do uso de plantas nas religiões de matriz africana (Almeida et al., 2012; Paz et al., 2015; Braga et al., 2017; Alves, 2019; Pagnocca et al., 2020). Já Arruda et al. (2019), destacaram que 54% dos entrevistados em sua pesquisa tinham entre 21 a 35 anos, destacando uma participação considerável dos jovens, apesar de Prandi (2001) afirmar que em se tratando das religiões afro-brasileiras o conhecimento é restrito aos mais idosos.

Outro aspecto que avaliamos nos artigos foi o dos métodos utilizados nas respectivas pesquisas. Pagnocca et al. (2020) traçaram o perfil etnobotânico no uso de plantas em três religiões afro-brasileiras sendo elas: Candomblé, Umbanda e Ritual de Almas e Angola e, assim como Sátiro et al. (2019), utilizou a técnica de amostragem bola de neve (Biernacki e Waldorf, 1981), para a indicação dos possíveis informantes chave. De acordo com Noy (2008), esta técnica de amostragem é amplamente utilizada em pesquisas qualitativas nas ciências sociais, sendo considerada muitas vezes como principal veículo de acesso aos informantes-chave. Esta técnica é sugerida para pesquisas focadas em aspectos particulares e que necessite a participação de informantes especialistas no tema, a exemplo da Etnobotânica.

Diante dos textos encontrados, verificou-se que todos os autores utilizaram a entrevista como estratégia metodológica. As entrevistas podem permitir que o pesquisador obtenha informações úteis de seu objeto analisado, podendo também se configurar em uma estratégia essencial em pesquisas com teor sensível (Bisol, 2012). Em contraste, Belei et al. (2008) apontam que nem sempre é possível coletar dados envolvendo comportamentos e relações entre indivíduos e ambiente apenas com o uso desta estratégia, necessitando assim da contribuição de outros métodos que auxiliam na visualização destes.

## Conclusões

Durante este estudo foi observado que existe um número significativo de trabalhos de cunho etnobotânico, no entanto, no Brasil estes trabalhos tendem a se concentrar na categoria das plantas medicinais.

Quanto às religiões afro-brasileiras, notou-se uma escassez de publicações, ressalta-se que esse conhecimento é fundamental para promover esta cultura e manter os registros para futuras gerações. Além disso, pode contribuir para diminuir o histórico de preconceito e manifestações de ódio que ocorreram e ainda ocorrem no cenário nacional.

As obras publicadas nesse seguimento demonstraram seguir um arcabouço metodológico bastante usual nas ciências humanas, educação e botânica, reafirmando assim o caráter interdisciplinar da Etnobotânica enquanto ciência. Em estudos etnobotânicos, é fundamental a coleta do material testemunho para incluir em uma coleção científica (herbário), assim como a participação de um taxonomista para a correta identificação do material estudado.

A metodologia empregada nesta revisão demonstrou ser eficiente, no entanto sugere-se para estudos futuros uma modificação nos critérios de busca com a inserção de outros tipos de texto científicos como livros, teses e dissertações para angariar mais resultados com óticas e pontos de vista distintos a fim de tornar a pesquisa mais rica.

Foram notadas algumas possíveis lacunas deixadas pelos estudos analisados como a falta de proposições de estratégias que visem ao resgate cultural destes conhecimentos, bem como a falta de iniciativa em propor devolutivas à comunidade, a falta de análises e métodos com abordagens quantitativas, e ainda a falta de abordagens conservacionistas como levantamentos fitossociológicos em relação às plantas, levando em consideração um consenso que foi percebido em todos os terreiros analisados: "*Kossi Ewe, Kossi Orisha*", que significa em Yorubá "sem folhas, sem divindades", e sem as folhas que garantem as



divindades não há terreiros. Por fim, recomenda-se a realização de mais estudos nesse contexto a fim de ocasionar novas descobertas e possíveis releituras de abordagens já existentes.

### Agradecimentos

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida à primeira autora. JGJ agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de pesquisa concedida (Processo nº 312739/2019-2).

### Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

### Referências

- Albuquerque, U. P. A little bit of Africa in Brazil: Ethnobiology experiences in the field of Afro-Brazilian religions. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 12, p. 1-7, 2014. <https://doi.org/10.1186/1746-4269-10-12>
- Almeida, M. Z. **Plantas medicinais e ritualísticas**. Rio de Janeiro: Conselho Municipal Defesa do Negro, 1995. (Apostila do Curso Comemorativo aos 400 anos de Zumbi).
- Almeida, M. Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011.
- Almeida, G. S.; Barbosa, A. S.; Santana, M. Conhecimento e uso de plantas medicinais da cultura afro-brasileira pelos moradores da comunidade da Fazenda Velha no Município de Jequié-BA. **Veredas da História**, v. 5, n. 2, p. 27-39, 2012. <https://doi.org/10.9771/rvh.v5i2.48713>
- Alves, K. C. H.; Povh, J. A.; Portuguese, A. P. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no Município de Ituiutaba. **Ethnoscintia: Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2019. <https://doi.org/10.22276/ethnoscintia.v4i1.239>
- Alves, T. C.; Rodrigues, E.; Lago, J. H. G.; Prado, C. M.; Girardi, C. E. N.; Hipólido, D. C. *Petiveria alliacea*, a plant used in Afro-Brazilian smoke rituals, triggers pulmonary inflammation in rats. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 29, n. 5, p. 656-664, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.bjp.2019.06.005>
- Amorozo, M. C. M. A abordagem Etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Di Stasi, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 47-68.
- Araújo, D. D. **Utilização de plantas medicinais e fitoterapia na Estratégia Saúde da Família no Município de Recife: impacto de ações implementadas sobre a prescrição e recomendação**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014. (Dissertação de mestrado).
- Arruda, D. A.; Souza, B. S.; Santos, V. G.; Lima, L. A. A.; Santos, V. G. Uso de plantas medicinais na Umbanda e Candomblé em associação cultural no Município de Puxinanã, Paraíba. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 14, n. 5, p. 692-696, 2019.



- Barboza, M. S. L.; Munzanzu, C. R.; Souza, I. A. S.; Oyá, E. "Sem as plantas a religião não existiria": simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (Santarém, PA). **Nova Revista Amazônica**, v. 9, n. 3, p. 147-165, 2021. <https://doi.org/10.18542/nra.v9i3.11724>
- Bastide, R. **O Candomblé da Bahia (Rito Nagô)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. (Coleção Brasileira, 313).
- Belei, R. A.; Gimenez-Paschoal, S. R.; Nascimento, E. N.; Matsumono, P. H. V. R. O uso de entrevistas, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, v. 30, p. 187-199, 2008.
- Biernacki, P.; Waldorf, D. Amostragem em bola de neve: problemas e técnicas de amostragem de referência em cadeia. **Métodos Sociológicos e Pesquisa**, v. 10, p. 141-163, 1981.
- Bisol, C. A. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia**, v. 29, p. 719-726, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500008>
- Botelho, P. F. Ewé awo: o segredo das folhas no Candomblé da Bahia. **Educação, Gestão e Sociedade: Revista da Faculdade Eça de Queiros**, v. 1, n. 4, p. 1-13, 2011.
- Braga, A. P.; Barros, A. R. C.; Rodrigues, A. C. Cosmovisão africana das ervas que atuam em "males" psíquicos em Fortaleza/CE. Atas do III Simpósio de Pesquisas em Ciências Médicas, Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, UNIFOR, 2017. Disponível em: <[https://www.unifor.br/documents/392178/805154/simposiocienciasmedicas2017\\_artigo32.pdf/fdd15179-1524-6800-906d-8c35fafc924f](https://www.unifor.br/documents/392178/805154/simposiocienciasmedicas2017_artigo32.pdf/fdd15179-1524-6800-906d-8c35fafc924f)>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- Braga, A. P.; Sousa, F. I.; Silva Junior, G. B.; Nations, M. K.; Barros, A. R. C.; Amorim, R. F. Perception of Candomble practitioners about herbal medicine and health promotion in Ceará, Brazil. **Journal of Religion and Health**, v. 57, p. 1258-1275, 2018. <https://doi.org/10.1007/s10943-017-0441-x>
- Brandão, M. G. L.; Gomes, C. G.; Nascimento, A. M. Plantas nativas da medicina tradicional brasileira: uso atual e necessidade de proteção. **Revista Fitos**, v. 2, n. 3, p. 24-29, 2006.
- Camargo, M. T. L. A. As plantas medicinais e o sagrado, considerando seu papel na eficácia das terapias mágico-religiosas. **Revista Nures**, n. 26, p. 1-16, 2014.
- Camargo, M. T. L. A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros**. II: estudo etnofarmacobotânico. São Paulo: Ícone, 1998.
- Carlessi, P. C. Dimensão e fluxo material das plantas em um terreiro de Umbanda. **Avá**, n. 27, p. 47-62, 2015.
- Carlessi, P. C. How to carry out a democratic ethnobotanical study. **Ethnobiology Letters**, v. 10, p. 113-119, 2019. <https://doi.org/10.14237/eb1.10.1.2019.1547>
- Carlessi, P. C. Jeitos, sujeitos e afetos: participação das plantas na composição de médiuns umbandistas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 855-868, 2017. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300011>
- Carney, J. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, n. 22/23, p. 25-47, 2004.

Castro, C. M. J.; Cavalcante, C. V. Jovens de terreiros e os saberes da mata nas rodas de conversas: os sentidos que as jovens atribuem às ervas. **Fragmentos de Cultura**, v. 26, n. 2, p. 239-247, 2016. <https://doi.org/10.18224/frag.v26i2.4898>

Colli-Silva, M.; Silva, V. G. Um bosque de folhas sagradas: o Santuário Nacional da Umbanda e o Culto da Natureza. **Interagir: Pensando a Extensão**, n. 26, p. 11-33, 2018. <https://doi.org/10.12957/interag.2018.39594>

Fenner, R.; Betti, A. H.; Mentz, L. A.; Rates, S. M. K. Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 3, p. 369-394, 2006. <https://doi.org/10.1590/S1516-93322006000300007>

Ferreira, M. E. A.; Elias, G. A.; Assunção, V. K.; Citadini-Zanette, V. Plantas medicinais utilizadas em rituais de Umbanda: estudo de caso no sul do Brasil. **Ethnoscientia: Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, v. 6, n. 3, p. 1-14, 2021. <https://doi.org/10.18542/ethnoscientia.v6i3.10505>

Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ConsultaPublicaUC.do#CondicaoTaxonCP>>. Acesso em: 14 set. 2022.

Fonseca-Krueel, V. S.; Silva, I. M.; Pinheiro, C. U. O ensino acadêmico da Etnobotânica no Brasil. **Rodriguésia**, v. 56, n. 8, p. 97-106, 2005. <https://doi.org/10.1590/2175-78602005568707>

Franco, F.; Ferreira, A. P. N. L.; Ferreira, M. L. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 10, n. 2, p. 17-23, 2011. <https://doi.org/10.14295/cad.cult.cienc.v10i2.407>

Garcia, D.; Medeiros, T. A.; Ribeiro, C.; Santos, J. F. L.; Soares Neto, J.; Antonio, R. L.; Santos, T. S. D.; Rodrigues, E. Defumadores com possível efeito ansiolítico utilizados no Centro de Umbanda Caboclo Ubirajara e Exu Ventania, Diadema, SP, Brasil: um estudo etnofarmacológico. **Ethnoscientia: Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2016. <https://doi.org/10.18542/ethnoscientia.v1i1.10147>

Goulart, A. L. V.; Martins, F. L. A.; Agudo, M. M.; Chiarelli, E. V. Etnobotânica das religiões afro-brasileiras: elaboração de uma proposta didática para o ensino de Botânica. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2021. <https://doi.org/10.18316/recc.v26i1.7613>

IPNI - International Plant Names Index. 2022. Disponível em: <<http://www.ipni.org>>. Acesso em: 14 set. 2022.

Kileuy, O.; Oxaguiã, V. **O Candomblé bem explicado**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

Martins, W. M.; Paiva, F.; Bantel, C. A. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal na Microrregião do Vale do Juruá, Acre, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, v. 9, n. 16, p. 2540-2547, 2013.

Meira, C. S.; Oliveira, F. S. M. O uso das plantas sagradas nas religiões afro-brasileiras: um estudo de caso nos espaços religiosos da Umbanda de Poções-BA. **Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 10, n. 1, p. 1689-1700, 2013.

Meira, C. S.; Oliveira, F. S. M. Legado africano no Brasil, do candomblé à umbanda: um estudo de caso em Poções/Bahia. **Diversidade Religiosa**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dr/article/view/18168/10347>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

Moreira, P. F. S. D.; Rodrigues Filho, G.; Fusconi, R.; Jacobucci, D. F. C. A Bioquímica do Candomblé: possibilidades didáticas de aplicação da Lei Federal 10639/03. **Química Nova na Escola**, v. 33, n. 2, p. 85-92, 2011.

Negrão, L. N. **Entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

Noy, C. Conhecimento de amostragem: a hermenêutica da amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Jornal Internacional de Metodologia de Pesquisa Social**, v. 11, n. 4, p. 327-344, 2008.

Oliveira, F. C.; Albuquerque, U. P.; Fonseca-Kruel, V. S.; Hanazaki, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062009000200031>

Pagnocca, T. S. **Uso de plantas terapêuticas em religiões afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. (Dissertação de mestrado).

Pagnocca, T. S.; Zank, S.; Hanazaki, N. "The plants have axé": Investigating the use of plants in Afro Brazilian religions of Santa Catarina Island. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, Article number: 20, 2020. <https://doi.org/10.1186/s13002-020-00372-6>

Paz, C. E.; Lemos, I. C. S.; Monteiro, Á. B.; Delmondes, G. A.; Fernandes, G. P.; Coutinho, H. D. M.; Felipe, C. F. B.; Menezes, I. R. A.; Kerntopf, M. R. Plantas medicinais no Candomblé como elemento de resistência cultural e cuidado à saúde. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 20, n. 1, p. 25-37, 2015.

Pires, M. V.; Abreu, P. P.; Soares, C. S.; Silva, D. C.; Souza, B. N.; Mariano, D. M.; Lucena, E. A. R. M. Etnobotânica de terreiros de Candomblé nos Municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 1, p. 3-8, 2009.

Prandi, R. O Candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300003>

Prandi, R. O Brasil com axé: Candomblé e Umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300015>

Purificação, M. M.; Catarino, E. M.; Amorim, I. B. As ervas medicinais na Umbanda nos cultos de Preto Velho. **Fragments de Cultura**, v. 29, n. 4, p. 746-756, 2019. <https://doi.org/10.18224/frag.v29i4.7741>

Ribeiro, D. A.; Macêdo, D. G.; Oliveira, L. G. S.; Saraiva, M. E.; Oliveira, S. F.; Souza, M. M. A.; Menezes, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no Estado do Ceará, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. 4, p. 912-930, 2014. [https://doi.org/10.1590/1983-084X/13\\_059](https://doi.org/10.1590/1983-084X/13_059)

Santos Filho, E. F. A transmissão oral de valores ancestrais no Candomblé como prática educativa. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 12, n. 3, p. 269-296, 2020.

Santos, L. P. S.; Santos, J. M. Orixá, Natureza e homem: um só ecossistema - usos de plantas nos terreiros de Candomblé e Umbanda no Sertão do Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 6, ed. 6, v. 1, p. 21-37, 2021. <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/natureza-e-homem>

Sátiro, L. N.; Vieira, J. H.; Rocha, D. F. Uso místico, mágico e medicinal de plantas nos rituais religiosos de Candomblé no Agreste Alagoano. **Revista Ouricuri**, v. 9, n. 2, p. 45-61, 2020. <https://doi.org/10.29327/ouricuri.9.2-5>

Silva, J. G.; Silva, A. B. P.; Muniz, A. R.; Souza, L. M. O.; Conceição, E. S. Plantas medicinais trazidas da África para o Brasil: africanizando o Brasil. Anais do Congresso Nordestino de Biólogos - Congrebio, v. 6, p. 58-65, 2016. <https://doi.org/10.21472/congrebio2016.et-05-002>

Silva, L. A. M.; Jardim, J. G.; Thomas, W. W.; Santos, T. S. Common names of vascular plants of the Atlantic Coastal Forest Region of Southern Bahia, Brazil. In: Thomas, W. W. (Org.). **The Atlantic Coastal Forest of Northeastern Brazil**. Nova York: New York Botanical Garden, 2008. (Memoirs New York Botanical Garden, v. 100). p. 245-295.

Sousa, I. G. S.; Moura, E. R. F.; Oliveira, N. C.; Eduardo, K. G. T. Prevenção do câncer de colo uterino: percepções de mulheres ao primeiro exame e atitudes profissionais. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 9, n. 2, p. 38-46, 2008.

Souza, L. F.; Dias, R. F.; Guilherme, F. A. G.; Coelho, C. P. Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no Município de Jataí, Estado de Goiás. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, p. 451-461, 2016. [https://doi.org/10.1590/1983-084X/15\\_173](https://doi.org/10.1590/1983-084X/15_173)

Souza, I. C.; Guasti, M. C. F. A. Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. Anais do XLI ENEBD, 2018. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/12906/510.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

Torres, V. S. Relação de espécies botânicas empregadas nos templos de Umbanda Nagô. **Unisanta BioScience**, v. 7, n. 2, p. 153-190, 2018.

Verger, P. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Baía de Todos os Santos, entre os séculos XVII e XIX**. São Paulo: Currupio, 1987.



Informação da Licença: Este é um artigo Open Access distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.